

O TEXTO LITERÁRIO NO VIÉS DO LÚDICO: UMA PROPOSTA DE DIVERSÃO EM “O GATO PRETO”, DE EDGAR ALLAN POE

THE LITERARY TEXT IN THE LUDIC BIAS: A PROPOSAL OF FUN IN “THE BLACK CAT”, BY EDGAR ALLAN POE

Ivonete Soares Nink¹
Gisela Maria de Lima Braga Penha²

RESUMO: Neste artigo visa-se discorrer sobre a leitura, quais as concepções que se têm elencado sobre o tema, como os alunos realizam esta atividade e qual a função da escola e do docente nesse processo. Será ressaltada a importância da leitura do texto literário e a necessidade de dissociar o sentido literal das palavras para entender a linguagem literária. O objetivo é apresentar uma proposta de atividades lúdicas, elaboradas a partir da leitura adaptada do conto “O Gato Preto”, de Edgar Allan Poe, um material pedagógico que auxilie docentes, pais ou responsáveis que buscam aliar leitura e diversão. No aporte teórico, foi possível constatar como a leitura, associada ao prazer estético, pode fazer diferença para o alcance do letramento literário. Por fim, enquanto o aluno desenvolve as atividades lúdicas ele, nem sempre, percebe o ato da leitura envolvido, para alguns o que seria uma tarefa desanimadora torna-se um entretenimento. Geralmente, faz-se a leitura e a interpretação proposta sem grandes dificuldades ou desânimos.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura literária; Linguagem literária; Atividades lúdicas.

ABSTRACT: The aim of this article is to discuss reading, which conceptions have been listed on the subject, how students perform this activity and what is the role of the school and the teacher in this process. The importance of reading the literary text and the need to dissociate the literal meaning of words to understand the literary language will be highlighted. The objective is to present a proposal for recreational activities, based on the adapted reading of the short story “The black cat”, by Edgar Allan Poe, a pedagogical material that helps teachers, parents or guardians who seek to combine reading and entertainment. In theoretical terms, it was possible to see how reading, associated with aesthetic pleasure, can make a difference to the achievement of literary literacy. Finally, while the student develops playful activities, he does not always realize the act of reading involved, for some what would be a daunting task becomes an entertainment. Generally, the proposed reading and interpretation are carried out without great difficulties or discouragement.

KEYWORDS: Literary reading; Literary language; Recreational activities.

Introdução

¹ Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: ivonetenink@hotmail.com

² Universidade Federal do Acre (UFAC). E-mail: gidilima7@gmail.com

Na atualidade, muito tem se discorrido sobre a falta de leitura dos alunos, no ambiente escolar e fora dele. No entanto, falta entendimento sobre o que vem a ser essa ausência, uma vez que tudo o que nos rodeia está cercado por letras, palavras, frases, por possibilidades de leitura. Como admitir que há carência do ato de ler, em um indivíduo que passa diversas horas nas redes sociais, encaminha e responde mensagens, no trânsito, nos estabelecimentos comerciais ou em frente a televisão? Se isso não é leitura, o que vem a ser?

É preciso pensar na leitura como um campo amplo, sem se limitar ao contexto escolar. Em nosso cotidiano, estamos rodeados de textos, nem todos são voltados para formação escolar, mas são leituras que fazemos diariamente sem nos darmos conta, estamos realizando este processo de maneira livre, sem metodologias impostas e tendo que extrair diversas informações que serão úteis para nossa sobrevivência, como no caso de receitas médicas, manual de instruções, placas de trânsito, e etc.

O discurso, a respeito da falta de leitura, geralmente, é apresentado sem avaliar, de fato, sobre qual apreciação está se falando. Ela vai além de livros e textos. Uma poesia, uma pintura, uma obra de arte, uma pichação, uma tatuagem, tudo é leitura. A leitura envolve linguagem verbal e não-verbal. É papel do docente, ampliar e apresentar esse universo aos alunos.

Assim como afirma Riter (2009, p. 57), “Ora, escola é espaço para aprendizagem, e a leitura também precisa ser ensinada. Os alunos necessitam de que alguém mostre a eles caminhos de leitura, indique títulos, revele o prazer que as palavras possuem e todo o universo que as páginas de um livro escondem”.

É preciso reconhecer que nem sempre o trabalho docente tem desempenhado essa função de forma satisfatória. Infelizmente, ainda pode ser observado que a leitura está presa aos trechos apresentados nos livros didáticos, algo muito substancial. Os excertos que deveriam servir de apoio pedagógico para a ampliação da leitura e das interpretações, são utilizados como pretextos para atividades gramaticais. Nesse sentido, Ferrarezi Jr. e Carvalho (2015, p. 57) afirmam:

Os professores acham que sua tarefa se resume em dar uma aula teórica sobre algum tópico gramatical trabalhar mais ou menos uma interpretação de texto - normalmente seguindo o que está no livro didático e copiando as respostas do seu livro do professor no quadro para os alunos copiarem no caderno, sem qualquer discussão...

A interpretação de um texto requerer, dentre outros fatores, conhecimentos prévios. Quando

há debates, trocas de ideias, bate-papos, sobre o texto lido, as lacunas que dificultaram a compreensão, a apropriação do escrito, podem ser percebidas e preenchidas. Na concepção de Kleiman (1993, p. 17), “o professor utiliza o texto para desenvolver uma série de atividades gramaticais, analisando, para isso, a língua enquanto conjunto de classes e funções gramaticais, frases e orações”. São resquícios de um ensino tradicional. Em outros termos, o processo de ensino nem sempre leva em consideração o contexto das palavras, a função que elas desempenham naquele discurso.

A linguagem literária tem infinitas possibilidades de significação, cada indivíduo vai compreendê-la por sua subjetividade, suas vivências, buscas e anseios, um exemplo disso seria a palavra “sonho”. Não raras vezes, é possível entrar em uma sala de aula e ver essa nomenclatura disposta em uma lista de palavras, para a qual deve ser indicada a classe gramatical a que pertence. O aluno provavelmente vai classificá-la como um mero substantivo, o que de fato não está errado, porém quando seu uso está em um texto literário pode ir muito além.

O sonho não pode ser apenas um substantivo, pode ser o alimento cobiçado, as fantasias que permeiam a mente humana, as imagens que surgem durante o sono, a vontade latente de realizar algo, a ânsia em conhecer algo/algum, predicativo de alguém excessivamente belo, o desejo desenfreado de ficar milionário ou a inesgotável aspiração de que a fatalidade tenha sido apenas um devaneio e que talvez seja hora de despertar. São essas e outras possibilidades que o docente precisa apresentar ao discente, encantá-lo, fasciná-lo, ver além da escrita.

Dentro desse cenário, Riter (2009, p. 75) assegura que:

[...] carecemos de professores que - mais do que professores - sejam, de fato, fomentadores de leitores. Professores apaixonados por livros. Mais até, viciados! Professores que se alegram com as letras. Professores que andem com livros embaixo do braço. Professores que leiam poemas, contos, fragmentos de textos em aula. Professores que contem sobre o que estão lendo para seus alunos. Professores capazes de se emocionarem ao ler um bom texto.

Às vezes, é mais fácil reclamar da ausência de leitura do que repensar a própria prática, pensar em estratégias, atividades e inovações que auxiliem no processo de formação de leitores. Certamente, um professor-leitor que aguça o fascínio do aluno pelo texto literário faz a diferença. Para Riter (2009, p. 57), “É preciso, pois, que o professor seja um necessitado de leitura. E que fale de suas leituras com paixão, com emoção. Palavras ditas sem emoção soam vazias, pobres, destituídas de verdade. E crianças e adolescentes não são tolos, eles percebem quando a alma fala”.

Leitura do texto literário: escola e prática docente.

A escola tem a função de oferecer acesso aos discentes aos diversos tipos de textos, principalmente ao literário com sua plurissignificação. Em alguns casos, é no ambiente escolar que o aluno terá a primeira oportunidade de contato com textos literários. Ou seja, é uma lacuna que precisa ser preenchida. Nas palavras de Riter (2009, p. 97), “a escola tem papel relevante neste sentido, já que há ainda no Brasil muitos lares nus de livros e de leitura”. Nesse viés, para Riter,

[...] só formaremos leitores se acreditarmos na importância de tal façanha. E só acreditaremos, visceralmente, se formos leitores. E uma vez contaminados pelo vírus da leitura, não há mais cura. É doença para sempre. [...] um professor que pretenda formar leitores deve sempre andar munido com uma seringa com sangue contaminado, a fim de inocular seus alunos, a todo momento com o vírus da leitura. (RITER, 2009, p. 75).

Encontrar autodidatas em leitura, não é tarefa fácil. Dificilmente alguém adquiriu o hábito de ler sozinho, possivelmente houve algum incentivo, um adulto que contou histórias, leu, presenteou com livros, motivou, instigou, enfim, viabilizou esse primeiro contato, mostrou a diversidade de significados que se pode atribuir a uma palavra, despertou um leitor. Nas palavras de Riter (2009, p. 67), “Ouvir histórias e contá-las é o primeiro passo na formação de leitores, de pessoas para quem o *Era uma vez* institui uma nova atmosfera, um novo universo”.

Para tal, precisamos de adultos (professores e pais) que revelem tal possibilidade de encantamento. Como a Alice, mergulhada em seu mundo maravilhoso, devemos nós também ser aqueles que ofertam às crianças e aos jovens (aos adultos que ainda não descobriram também) o tanto de beleza que um grande texto pode conter. (RITER, 2009, p. 53).

O professor, enquanto mediador da leitura, deve sempre levar em consideração o conhecimento prévio do aluno, ajudá-lo a ampliar esses horizontes, deixando-o compartilhar suas descobertas e impressões, para que haja reflexão, aprendizagem e transformação.

O indivíduo só se torna um leitor proficiente lendo e contemplando o entendimento dos outros. Aprende-se a ter uma boa desenvoltura no ato de ler. Afinal, ser um leitor experiente em determinados textos não nos torna bons em todos. Mesmo que se tenha habilidade para certo tipo de leitura, a cada nova acepção e exposição de visões diferentes da nossa, há probabilidade de se

ampliar os conhecimentos, é como assistir a um filme várias vezes, e, a cada sessão, levar em consideração uma abordagem, olhar por outra perspectiva.

O tipo de leitura que possibilita aos leitores apropriarem-se de múltiplos significados não pode ser qualquer um, deve ser a partir de um texto que não é um substantivo comum, é um escrito qualificado, é metafórico, não representa a realidade, vai além dela, em suma, adjetivado por texto literário.

Assim como aclama Barthes (2007, p. 16), o texto “é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro. Posso portanto dizer, indiferentemente: literatura, escritura ou texto”.

É dessa leitura literária que o aluno precisa apropriar-se, para ser capaz de perceber a transformação do signo linguístico em literário. Ler além da superfície do texto, mergulhar em suas entrelinhas, ter competência leitora para fazer interpretações. Essas por sua vez, devem ser pensadas em dois momentos: um interior e outro exterior.

Cosson (2016, p. 65) define “O momento interior é aquele que acompanha a decifração, palavra por palavra, capítulo por capítulo, e tem seu ápice na apreensão global da obra que realizamos logo após terminar a leitura. É o que gostamos de chamar de encontro do leitor com a obra”.

Nesse processo não há interferência direta do professor. No entanto, o que o docente faz para motivar a leitura, as intervenções durante o processo, podem exercer uma ação modificadora nessa interpretação, isso, somado a leitura de mundo que o indivíduo possui, o contexto no qual está inserido, a realidade que o cerca e a habilidade leitora. É a interiorização do texto.

Depois dessa etapa, deve acontecer o segundo momento que é a interpretação exterior, elencada por Cosson (2016, p. 65) como “a concretização, a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade”.

É nessa etapa que se faz fundamental a participação do mediador da leitura, é ele que vai guiar a viagem pelo mundo das palavras, vai traçar o caminho, mas não as paradas. “Apesar de o professor sugerir caminhos, deve apresentar e aceitar a literatura como um baú de descobertas, em que inexiste uma interpretação correta, mas, sim, várias possibilidades de entendimento, desde que referendados ou justificados pelo texto” (RITER, 2009, p. 77).

É saber que é preciso cruzar de norte a sul, porém sem deixar de apreciar nenhuma bela

paisagem, nenhuma interpretação de valor, de soma, de agregar conhecimentos. E em cada cenário que se pause para contemplar, jamais deixar de ouvir a impressão do outro, uma vez que o campo de visão é diferente para cada um. Somente assim, será possível chegar ao destino com uma bagagem ampla, recheada com diferentes conhecimentos, com aprofundamentos, com saberes coletivo. Na acepção de Cosson (2016, p. 66),

[...] é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura.

De acordo com Cosson, em sua obra “Letramento Literário” (2016), são essas etapas que efetivam o letramento literário. Na definição do próprio autor,

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descharacterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2016, p. 23)

Nesse cenário, o papel do professor como membro mais experiente é fundamental. É papel da escola, na função do docente, provocar o aluno para a exploração do texto, buscar mecanismos para fazer a inserção desse sujeito na cultura letrada, tornando-o capacitado para a prática social, uma vez que “Ler é oportunidade de crescimento intelectual e emocional, sempre que o texto indicado possuir recursos artísticos e estéticos, condição essencial da literatura” (RITER, 2009, p. 65).

Lúdico e leitura: uma proposta de atividades em “O gato Preto”, de Edgar Allan Poe.

No contexto escolar muitas falhas ainda são cometidas no que diz respeito à leitura, há imposições, obrigatoriedades e pouco acompanhamento, solicita-se a leitura em casa ou silenciosa e apresentam-se questionários superficiais, exercícios monótonos, ou simulados para vestibulares, com isso o aluno deixa de experienciar o deleite da literatura.

Nesse viés de buscar o lúdico como um aliado para concretizar o letramento literário, surge o anseio em apresentar uma proposta de atividades para esse fim, elaboradas a partir da leitura do conto de terror “O Gato Preto”, de Edgar Allan Poe, propiciando assim um material pedagógico que possa auxiliar docentes, pais ou responsáveis que aliam leitura e diversão.

O intento é fazer das atividades lúdicas, elaboradas a partir do texto literário, um incentivo à leitura prazerosa, divertida, eficaz na construção do conhecimento. Quando o professor se coloca como um mediador do ensino e dá as ferramentas necessárias para que o aluno trilhe seu próprio caminho, há grandes probabilidades dele chegar à aprendizagem.

Macedo, Petty e Passos (2008, p. 9), defendem que “teríamos de cuidar da dimensão lúdica das tarefas escolares e possibilitar que as crianças pudessem ser protagonistas, isto é, responsáveis por suas ações, nos limites de suas possibilidades de desenvolvimento e dos recursos mobilizados pelos processos de aprendizagem”.

A ludicidade pode ser uma grande aliada para as interpretações que um texto literário requer. Quando o discente está envolvido em atividades lúdicas ele nem sempre percebe a dimensão dos esforços intelectuais que se exige e quais conhecimentos está adquirindo. A maior preocupação é superar os obstáculos, aceitar os desafios, agir para resolvê-los, decifrar os enigmas, encontrar as palavras, preencher a cruzadinha, sempre mais rápido que os demais. É tornar-se campeão.

Alves (2001, p. 106) confirma que “ao propiciar um ambiente lúdico, estamos gerando também possibilidades de futuros adolescentes e adultos autônomos que tenham condições morais e intelectuais de interferir de forma transformadora na sociedade”. Se a cobiça é vencer, logo, tomasse-se a iniciativa frente ao “problema”.

Na assertiva de Almeida (2003, p. 13),

A Educação lúdica está distante da concepção ingênua de passatempo, brincadeira vulgar, diversão superficial. Ela é uma ação inerente na criança, no adolescente, no jovem e no adulto e aparece sempre como uma forma transacional em direção a algum conhecimento, que se redefine na elaboração constante do pensamento individual em permutações com o pensamento coletivo.

Nessa linha de raciocínio, promover atividades lúdicas sobre o conto de terror “O Gato Preto”, de Edgar Allan Poe, torna-se algo digno de apreço, a vontade é aguçada. É preciso pensar, refletir e elaborar essa proposta. Atuar como professores-leitores, apaixonados pelas letras, “contaminados pelo vírus da leitura” (RITER, 2009, p. 75).

A motivação para a escolha do conto surgiu pela prática docente, o encantamento nos olhos dos alunos, sempre que a leitura expressiva era realizada, o deslumbramento pela maioria deles, o apagar das luzes para sentir o clima sombrio e o pedido para que fosse contado novamente.

O gato preto, de Edgar Allan Poe, versão traduzida e adaptada por Clarice Lispector, fala

sobre um homem que está prestes a morrer e precisa aliviar sua alma a respeito dos últimos acontecimentos de sua vida. Narrado em primeira pessoa, o narrador tenta convencer o leitor de que era uma pessoa dócil, cheia de ternura, porém tornou-se violento, viciado em álcool e, por isso, acabara por cometer algumas atrocidades, como assassinar a esposa, por culpa de um gato.

A sugestão é de que se faça uma breve apresentação do autor do conto, seguida da leitura do título, instigando os alunos a fazerem suposições acerca do tema a ser tratado na história, depois de estimulados, a leitura deve ser realizada pelo professor, que precisa conhecer minuciosamente o conto, para que consiga prender a atenção dos alunos, fazendo suspense, dramas, movimentações e outras ações indispensáveis para o deleite da leitura.

Após a leitura, é imprescindível que se permita ao aluno falar sobre suas impressões para depois fazer a análise detalhada do conto, seguida da aplicação das atividades lúdicas sugeridas a seguir. Elas são inéditas, contemplam todo o enredo do conto, de forma adaptada, e podem ser utilizadas com diferentes faixas etárias. Cabe ao docente decidir a quem aplicá-las e fazer o devido acompanhamento.

O gato preto, de Edgar Allan Poe

Procure e marque, no diagrama de letras, as palavras em destaque no texto.

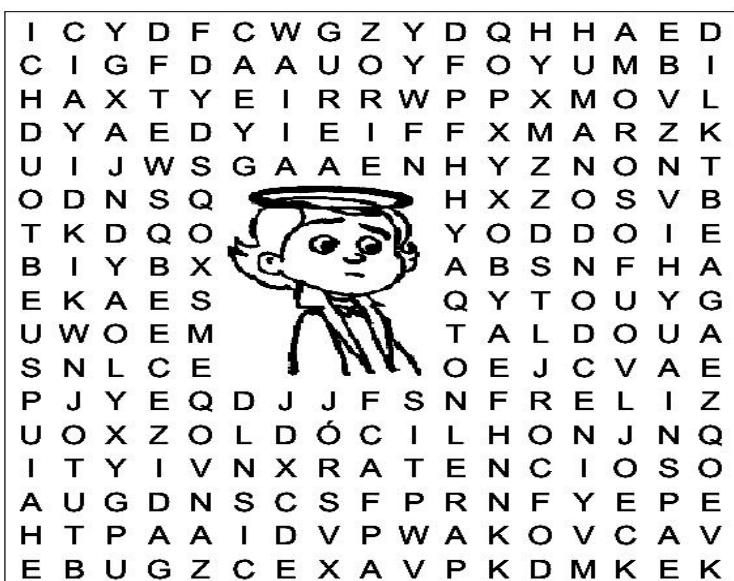
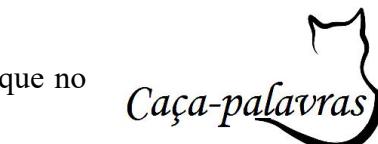


Figura 1 – Caça Palavras



A personagem

No início do conto o NARRADOR afirma que irá morrer, porém antes disso precisa aliviar sua alma e então começa a descrever-se como DÓCIL, HUMANO, TERNO, para com as pessoas e animais, sempre os tratava de modo CARINHOSO, ATENCIOSO e AMOROSO. E assim continuou até a fase adulta.



Vamos colorir?

Observe atentamente a ilustração abaixo e pinte os animais que nela se encontram.

Figura 2 – Colorir animais



Ao casar-se, ainda muito moço, encontrou uma mulher que também gostava de animais, então, procurava os mais agradáveis, como pássaros, peixes dourados, um belo cão, coelhos, um macaquinho e um gato.

Desembaralhe cada uma das palavras que são pistas para o grande enigma, em seguida, copie as letras nas células numeradas para outras células com o mesmo número.

Duplo Enigma



TLPUÃO	<input type="text"/>				
ALNMAI	<input type="text"/>				
NELFIO	<input type="text"/>				
BOEL	<input type="text"/>				
DAERGN	<input type="text"/>				
POETR	<input type="text"/>				
DÓCLI	<input type="text"/>				
GOAMI	<input type="text"/>				
NIAHOCROS	<input type="text"/>				
PDOFREERI	<input type="text"/>				

Figura 3 – Duplo Enigma

O gato tinha muitas qualidades, no entanto, a mulher do narrador, embora não fosse supersticiosa, referia-se com frequência à crença popular que olha os gatos pretos como:

GRANDE ENIGMA

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

12	13	11	14	15	16	ç			17	18

Figura 4 – Descubra o grande enigma

A amizade entre homem e bicho durou muitos anos. E só modificou porque uma transformação geral se operou no narrador. Ele foi tornando-se calado, irritável, agressivo, falava palavras rudes, maltratava a mulher e os bichos com agressões físicas, nem mesmo Plutão escapou de suas violências. Essa mudança de comportamento foi devido à:



Percorra o labirinto para encontrar o motivo.

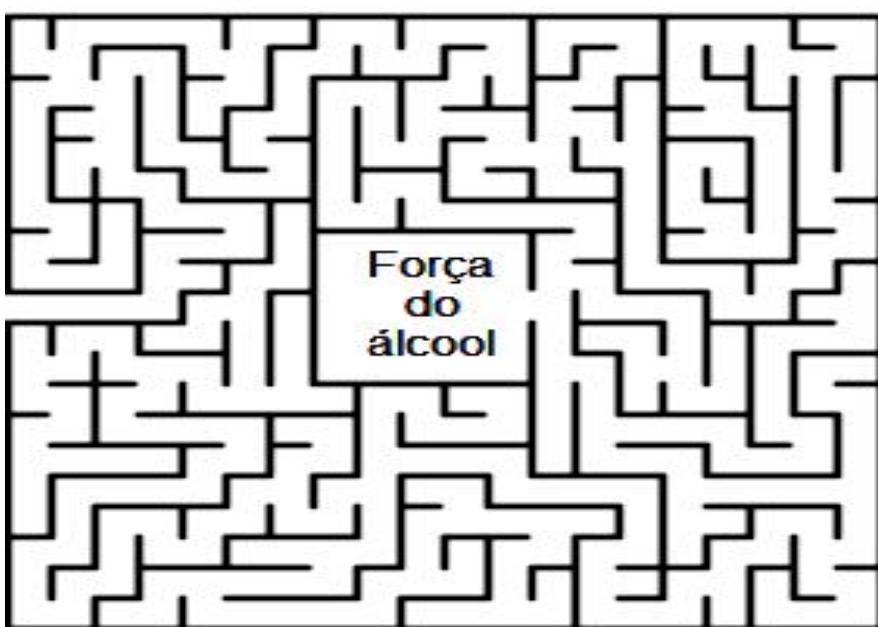
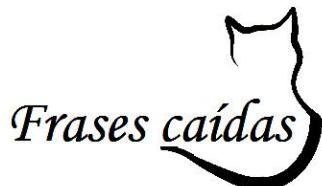


Figura 5 – O labirinto

Uma noite ao voltar para casa embriagado, o gato deu-lhe uma leve dentada, isso bastou para que ele se tomasse de fúria e cometesse uma grande atrocidade ao gato, que foi:

Para resolver, saiba que cada coluna tem algumas letras caídas embaixo. Essa letra só pode ir nessa coluna. Está embaralhado, porém as letras só se encaixam na coluna que está acima delas, siga as colunas e veja qual letra se encaixa melhor nos quadrados para poder formar uma frase. No final poderá ler o crime cometido.



Uma diabólica maldade

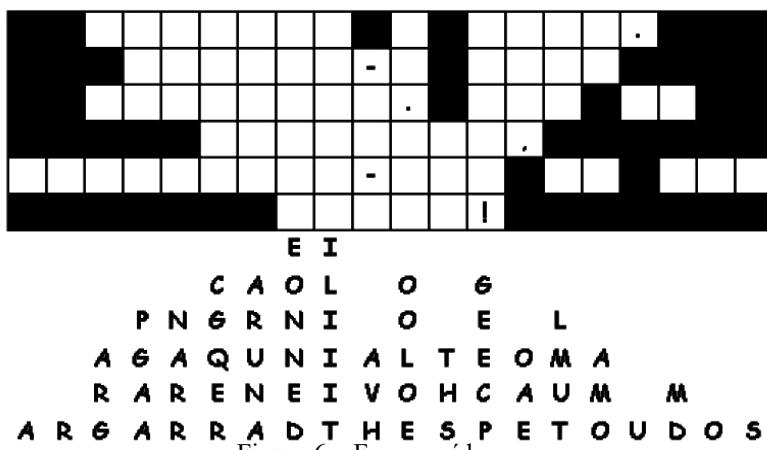
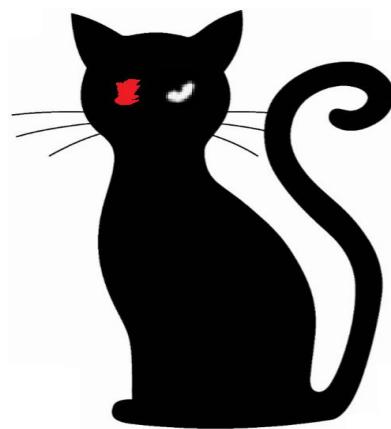
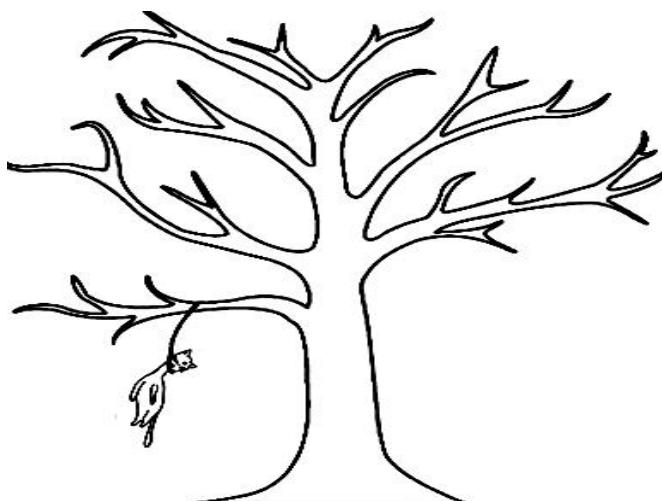


Figura 6 – Frases caídas



Pela manhã, já livre do efeito do álcool, o narrador sentiu uma fraca e enganosa sensação de remorso por tudo que havia feito ao gato, permanecia insensível.

O animal ia se curando, o olho arrancado e a órbita vazia, deixava-o horrível e o fazia fugir de seu dono. Dias depois, livre do efeito da bebida, a sangue-frio, enforcou o gato no galho de uma árvore, pois sentia que fazendo isso estava colocando em perigo sua alma.



Na noite da crueldade com o gato, o narrador acordou com a própria casa em chamas, destruição completa e dúvidas sobre

o que causara este incêndio.

Figura 7 – A árvore da morte

No dia seguinte, ao visitar os restos da casa, havia uma multidão reunida, em torno de uma única parede que não havia caído, na qual ficava a cabeceira de sua cama, comentando com exclamações: “Que estranho!”, “Nunca vi isso!”. Então, o narrador aproximou-se e constatou a figura, como se gravada em baixo relevo, de um gato gigantesco, com uma corda em redor do pescoço. O que o fez pensar que alguém teria cortado a corda que prendia o gato à árvore e jogado em seu quarto para acordá-lo. Naturalmente o animal ficara prensado àquela parede e com as chamas e o amoníaco do cadáver, traçara aquela imagem, que por mais fantasmagórica, não lhe causara remorso algum.

Enumere os espaços em branco de 1 a 7 de modo que a segunda imagem fique na forma apresentada na primeira figura.

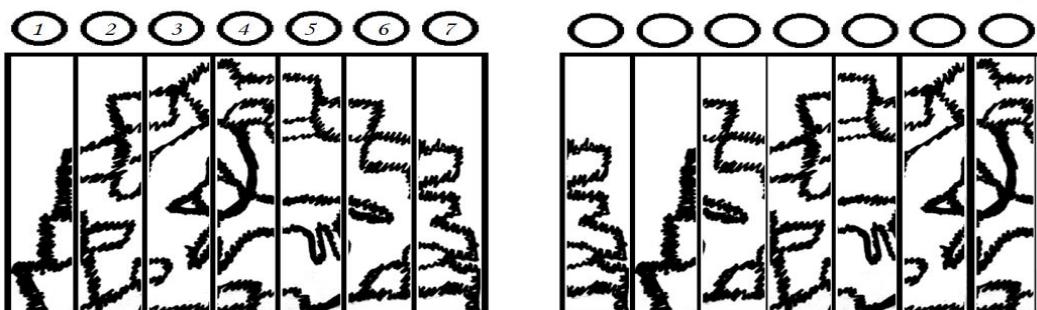
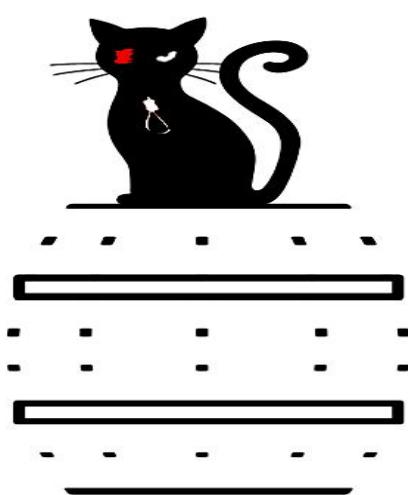


Figura 8 – Desembaralhando a imagem



Meses após o ocorrido, o narrador encontrava-se em um antro, embrutecido pelo excesso da bebida, quando encontrou um gato tão grande quanto Plutão, muito semelhante, exceto por uma larga mancha branca cobrindo quase todo o peito do animal, logo o conduziu para casa e o animal tornou-se o grande favorito da mulher.

Ligue os pontos e monte o barril onde o outro gato preto estava repousando.

Figura 9 – O barril

A FORCA

O Ó D I O A V H O M F E M L C
F T O R G I R E M O A D E O T
O À N O I T M U R A G M T E A
M D N E E A O C G G B S D E R
U I S A M P A D L R O T I S T
A E S I M I O Z A G A N D W L
K C M Q V T C N S N A M H Q A
V E R I B N C E O V E Q A A M
Z D W A R A D Ā R V A D C A Y
R W Y Q F C C E D R E X N D J
X V W A T I B E H Q O T S O P
F S K B L A H C N A M B R L C
E P A F J A N G Ú S T I A O K
E P A H O R R O R A L G E W M
C R U E L D A D E K I F D O C

ANTIPATIA
DESGOSTO
ABORRECIMENTO
AMARGURA
ÓDIO
VERGONHA
LEMBRANÇA
CRUELDADE
MALTRATO
MANCHA
FORCA
HORROR
CRIME
AGONIA
MORTE
CONDENADO
ANGÚSTIA
AFLIÇÃO

O narrador não demorou muito para começar a

sentir ANTIPATIA, DESGOSTO, ABORRECIMENTO, AMARGURA e ÓDIO quando se aproximava do animal, pois a presença do felino despertava nele uma certa VERGONHA e a LEMBRANÇA de sua antiga CRUELDADE, isto o impedia de fazer MALTRATO ao bicho. No entanto, este vivia aos seus pés, debaixo de sua cadeira, nos seus joelhos, acariciando-lhe sempre.

A MANCHA imprecisa, que tinha no peito do animal, tomava a forma de uma FORCA. Máquina terrível de HORROR, de CRIME, de AGONIA e MORTE. Isso fazia o narrador sentir-se CONDENADO, com ANGÚSTIA e AFLIÇÃO, mesmo ao afirmar ser...

Figura 10 - Frase secreta

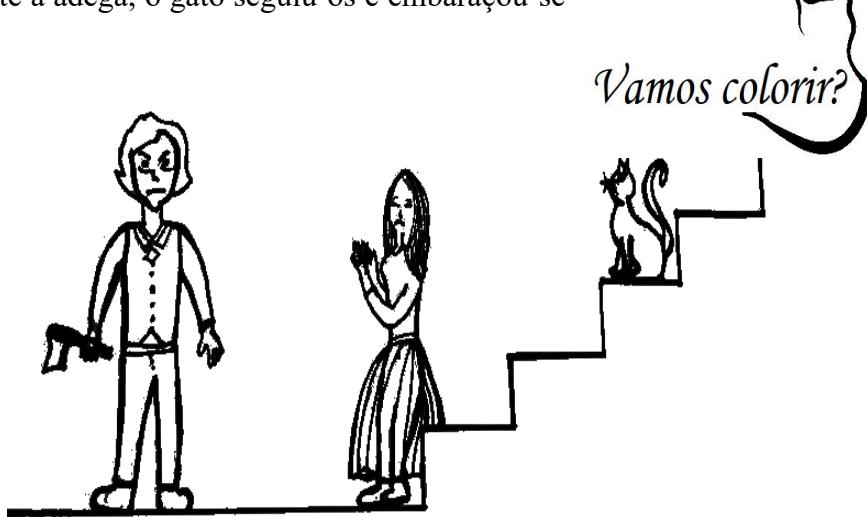
ocultas entre as palavras que você precisa encontrar no caça-palavras. Quando encontrá-las, a frase oculta será revelada. Para isso, você deve inserir as letras que não foram utilizadas, na ordem que sobraram, da esquerda para a direita, e terás a frase secreta.

Com o passar do tempo, o narrador não só odiava o gato, odiava a tudo e a todos, inclusive sua esposa.

Certo dia, ao descerem até a adega, o gato seguiu-os e embaraçou-se nas pernas do homem, quase lhe atirando ao chão. Ficou possesso, enlouquecido, ergueu o machado e descarregou um violento golpe no animal, que

As letras da última frase do texto estão

Frase secreta



certamente teria morrido se não fosse a intervenção da mulher.

Figura 11 – A intervenção

Essa intervenção deixou-o com uma raiva mais do que demoníaca, fazendo-o:

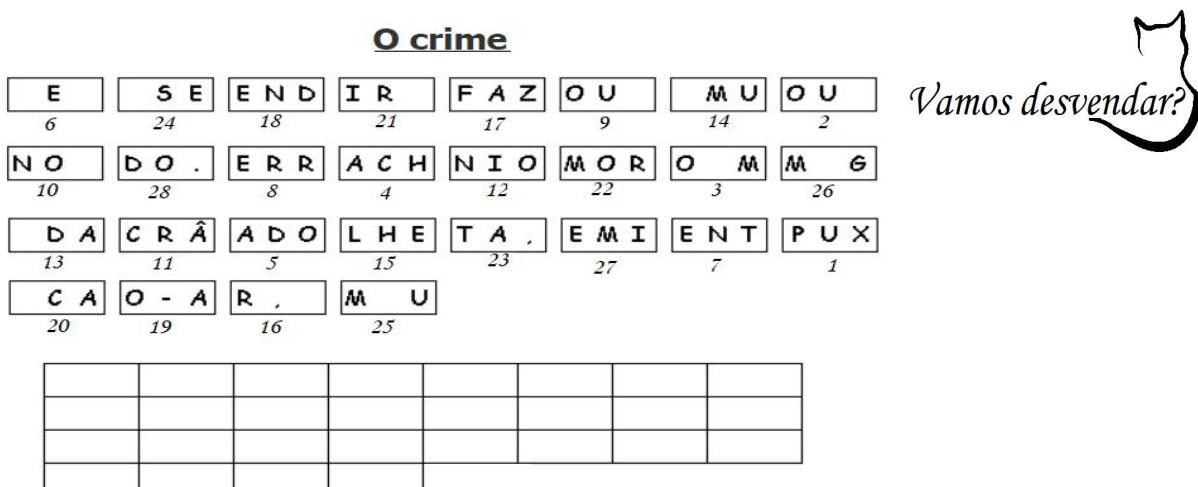


Figura 12 – Desvendar o crime

Os blocos de letras, em cima, estão embaralhados e contêm as escritas que desvendam um crime. Para saber o que aconteceu na história observe as enumerações de cada bloco e reescreva-os na ordem, respeitando os espaços e a pontuação.

Agora, só lhe restava ocultar o corpo. Muitas soluções lhe passaram pela cabeça, por fim, decidiu por emparedar o corpo na adega, já que a parede era úmida e facilitaria o serviço. Assim o fez.

Termine de emparedar o cadáver colocando os tijolos que foram retirados. A seguir, pinte a parede como preferir.

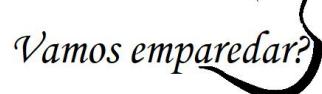
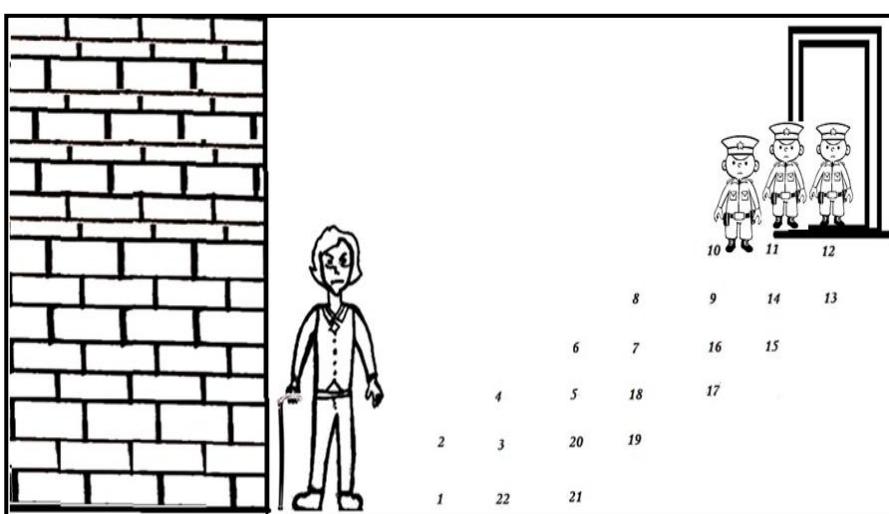




Figura 13 – A parede

Três dias se passaram e o animal não apareceu. Foram feitos interrogatórios e todos respondidos com muita tranquilidade.

No quarto dia, um grupo de policiais apareceu para uma minuciosa investigação. O coração do narrador batia calmo, assim como os inocentes e para não deixar nenhuma dúvida, ele disse por fim, aos policiais que estava satisfeito por estar livre de suspeitas e que a propósito aquela casa era bem construída e para provar, bateu com força na parede, por trás da qual estava o cadáver da mulher.



Liga-números

Ligue os números, na ordem, para construir a escada.

Figura 14 – O mistério da parede

Nesse instante, uma voz respondeu do túmulo. Um gemido, depois um soluço, um grito, um

urro prolongado, cheio de horror e triunfo, como só do inferno se pode erguer das gargantas dos danados na sua agonia e dos demônios na danação. O grupo se immobilizou na escada, tomados de pavor, se aproximaram da parede e puseram-se a desmanchá-la.

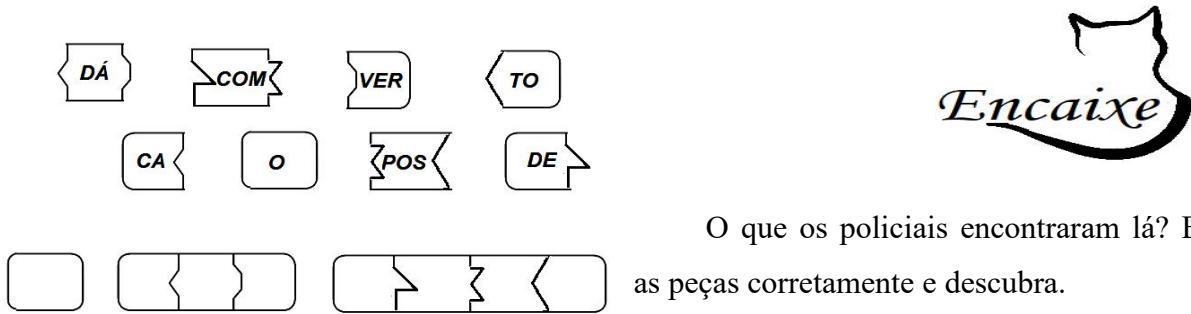
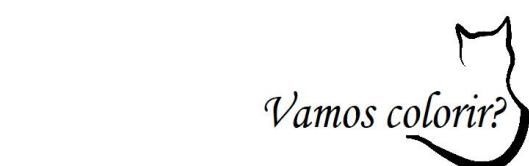


Figura 15 – A descoberta



Figura 16 – O segredo revelado

Para concluir, observe a ilustração abaixo e manifeste sua opinião sobre o conto lido.



Sobre a cabeça da mulher, com a boca vermelha escancarada e o olho solitário fiscando, estava assentado o horrendo animal. O gato, emparedado, havia entregado o crime.



Figura 17 – O gato preto

Após a feitura das atividades propostas, o professor poderá abordar as diversas temáticas elencadas pelo conto, como por exemplo, maltrato aos animais, violência doméstica, alcoolismo, superstição, entre outros. Além de investigar as minúcias da transformação de caráter ocorrida com o narrador, a suposta inocência, a apresentação da pessoa dócil e amante dos animais, o significado do nome Plutão na mitologia grega, e etc.

O intuito é a partir dos elementos que o texto literário trouxer, promover o letramento literário do indivíduo, prepará-lo para posicionar-se diante dos assuntos discutidos. Uma vez comprovado que o lúdico auxilia nesse processo, cabe ao docente fazer uso dessa prática.

Referências

- ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica**: Prazer de estudar. Técnicas e jogos pedagógicos. 11^a edição. São Paulo, SP. Edições Loyola, 2003.
- ALVES, Eva Maria Siqueira. **A ludicidade e o ensino de matemática**: Uma prática possível. Campinas, SP: Papirus, 2001.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. Ed., 6^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.
- BARTHES. Roland, **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do colégio de França. Pronunciada dia 7 de janeiro de 1977; tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.
- FERRAREZI JR, Celso; CARVALHO, Robson Santos de. **Produzir textos na educação básica**: o que saber, como fazer. São Paulo: Parábola Editorial: 1^a ed. 2015.
- KLEIMAN. Angela, **Oficina de leitura**: teoria e prática. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- MACEDO, Lino de. PETTY, Ana Lúcia Sícoli. PASSOS, Norimar Christe. **Os jogos e o lúdico**: na aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artmed, Reimpressão 2008.
- POE. Edgar Allan, Tradução Clarice Lispector. **Histórias Extraordinárias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Edição: 1^a ed., 2011.
- RITER. Caio, **A formação do leitor literário**: em casa e na escola. 1^a. ed. São Paulo: Biruta, 2009.

Site consultado para elaborar as atividades:



ISSN: 1981-0601
V. 17. N. 1, 2024



Recebido em: 12-06-2023 Aprovado em: 14-06-2024 Publicado em: 28-12-2024
DOI: 10.18554/it.v17i1.5922

Disponível em: <http://www.discoveryeducation.com/free-puzzlemaker>. Acesso em 11 ago. 2018.